

A LITERATURA FEMININA AFROCENTRADA E O SEU PAPEL DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO FEMININO SUBALTERNO NEGRO

AFROCENTERED LITERATURE FEMININE AND ITS ROLE IN THE (RE)SIGNIFICATION OF THE BLACK SUBALTERNAL FEMALE SUBJECT

Mariana Alves de Oliveira

Graduanda em Licenciatura Letras – Português, Instituto Federal de Goiás, IFG
profmarianaalves@gmail.com

Luciene Araújo de Almeida

Mestre em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, UFG
luciene.almeida@ifg.edu.br

54

Resumo: Este trabalho consiste em analisar o papel da literatura feminina afrocentrada e o processo de ressignificação do sujeito subalterno feminino, em especial as mulheres negras. Uma vez que vários espaços foram negados as mesmas, por intermédio da literatura e da escrita por meio da *escrevivência*, termo usado pela escritora negra, Conceição Evaristo, as mulheres negras passaram apropriar-se de espaços que elas aspiram, e dessa forma evidenciando sua representatividade na literatura, especialmente com suas experiências e histórias de vida. Com voz, escrita, luta e resistência, elas rompem com o sistema patriarcal, sexista e racista como um ato político, que é a escrita, instigando outras mulheres a se questionarem e a se libertarem parcialmente das suas dores da alma. Nessa perspectiva, foram analisados relatos de mulheres que participaram da disciplina *A escrevivência literária: literatura como forma de sobrevivência*, do curso de Licenciatura em Letras, do IFG – Campus Goiânia. A referida disciplina trouxe contos, poemas e textos de autoria feminina e negra. Com isso, buscou-se por respostas dos motivos que levam as mulheres a se identificarem com as leituras de autoras como Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Miriam Alves, entre outras.

Palavras-chave: Literatura Afrodescendente. Escrivência. Apagamento.

Abstract: This paper analyzes the role of female literature and the process of resignification of the female subordinate subject, especially black women. Since many spaces have been denied to them, to literature and to writing by means of “*escrevivência*”, a term used by the black writer Conceição Evaristo, black women now occupy the spaces they want, showing representativeness in literature with their experiences and life stories.. With voice, writing, struggle, and resistance, they break with the patriarchal, sexist, and racist system as a political act, which is writing, prompting other women to question themselves and partially break free from their painful souls. We analyzed reports of women who participated in the discipline *The literary escrevivência: literature as a way of survival*. This discipline brought tales, poems and texts of female and black authorship in search of answers for why women identify themselves with the readings of authors such as

Building the way

Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Miriam Alves, among others.

Key words: Afrocentered Literature. Escrivivência. Erasure.

A Iniciação

55

Este trabalho visa analisar qual é o papel da literatura afrocentrada para a ressignificação do sujeito subalternizado feminino negro. Instigadas pela pergunta, quais motivos levavam as mulheres que participavam da disciplina a se identificarem tanto quando liam as autoras afrocentradas? O grupo mencionado, foi formado em uma disciplina intitulada *A escrivivência literária: literatura como forma de sobrevivência*, que foi ministrada no curso de Licenciatura em Letras, do IFG – Campus Goiânia. A referida disciplina trouxe o questionamento e por esse ponto de partida pudemos inicialmente analisar o papel da literatura, desde os primeiros escritos que traziam a palavra latina *litterae* e quem e para quem era a literatura. Dessa forma, percebemos que a literatura “articula às questões históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas” (GOMES, 2012, p. 729), e assim observamos o porquê de a mulher negra sempre ter sido representada pela visão do eu hegemônico, de forma objetificada e depreciativa e o porquê do apagamento das vozes das mesmas.

Afinal, a subalternizada pode falar, pode escrever e como essas microrevoluções geram um movimento que vem ganhando cada vez mais destaques. Com a produção literária de mulheres negras, “abrem-se as portas, janelas, casas d’alma” para falar das dores, das lutas, dos antepassados, da força que elas carregam e a cada *escrivivência* mais mulheres se vêm nas escritas dessas vozes-mulheres-negras. Por meio dessas vozes, abalamos a visão eurocêntrica de beleza, o patriarcado, o sexismo e o racismo, além de serem postos as dores d’ama feminina negras, sendo uma possibilidade de “aliviar” e descarregar um pouco dos “ombros” já cansados de tanto sofrimento e ajudar progressivamente mais mulheres a se sentirem abraçadas e verem que não estão sozinhas nessa luta e que as vozes ecoaram por todos os espaços.

A literatura é para quem?

A literatura diacronicamente obteve várias adjetivações, a mais antiga,

tem origem na Idade Média. A expressão que vem do latim *humaniores litterae*, que é equivalente a letras mais humanas. Nesse período, a literatura era restrita aos clérigos, ou seja, somente os membros da igreja possuíam as habilidades de ler e escrever, logo o restante da população recebia os escritos oralmente.

No Renascimento, se inicia o processo de distinção entre ciência e literatura e passa-se a cultivar a cultura clássica (greco-romana), e pensar em uma estética. O interessante a se observar e analisar é que mesmo no Renascimento, em que a igreja não possuía tanto domínio e poder sobre a cultura e política, a escrita e a leitura ainda eram restritas nos mosteiros e abadias e pelos intelectuais da época.

Somente a partir de meados do século XIX, que a literatura vai romper “com todas as designações de gêneros como formas ajustadas a uma ordem de representações e torna-se pura e simples manifestação de uma linguagem”, “sendo uma subjetividade específica do acto de escrever [...]”, de acordo com (SOUZA, 2006, p.32).

Por fim, a palavra *literatura* é reconhecida na grande maioria “das línguas ocidentais” para caracterizar as *letras artísticas* das *filosóficas* e das *letras científicas*. Deixando de lado as concepções das *belas-letras* que visavam apenas à arte literária correta e bem-comportada, sendo considerada, de acordo com Souza (2006), conservadora e frívola.

Pode-se compreender que independente das concepções, adjetivações e expressões, que é relevante aos estudos, é possível notar que em toda a história a literatura em seu sentido amplo, sempre foi e é restrita, sendo um instrumento de poder dos que dominam a arte de escrever e ler e assim torna-se mais fácil de controlar as massas e colocar os pensamentos pertinentes àquela classe dominante.

Nesse sentido, o crítico literário Antonio Candido, em seu texto “Direito à literatura”, descreve que quando menino escutava bastante “que haver pobres é a vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem for vadio, e coisas assim” (CANDIDO, 2004, p.171).

Seguindo o pensamento de Candido, pode-se classificar a literatura como algo próprio das elites, que sempre mantiveram o poder da língua e conseqüentemente da escrita e leitura, os dominantes consideravam

desnecessário os pobres saberem ler, escrever e ter acesso à literatura sendo erudita ou não. Com maestria, Candido faz menção dos bens incompressíveis, que não podem ser negados a ninguém, assim surge “O direito à literatura”, ou seja, a literatura é um bem que não pode ser negado a ninguém. Com isso, ele conclui que os bens incompressíveis são aqueles que garantem a integridade espiritual o que não se restringe somente a sobrevivência física.

Assim, a literatura pode-se constituir como uma necessidade universal, se torna formadora da personalidade, estabelecendo convenções sociais e humanizando, além de, segundo Dalcastagné (2005, p.14), possibilitar ao leitor se “conectar a outras experiências de vida”. Portanto, a literatura pode por si, dar voz e representar o eu e o outro, legitimando as identidades contidas nas obras. Sendo produções literárias que nos enriquecem na percepção e na nossa visão de mundo, aflorando a capacidade de ver e sentir.

Observando as produções literárias pode-se perceber que a literatura brasileira contemporânea diz muito sobre a sociedade atual. Regina Dalcastagné em sua pesquisa intitulada *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2014*, analisa as personagens de alguns romances brasileiros contemporâneos e quem escreve estas produções. A autora constata a “ausência de dois grandes grupos em nossos romances: dos pobres e dos negros”. (DALCASTAGNÉ, 2004, p.14). Através da pesquisa evidencia-se a atualidade do pensamento de Candido ao defender a literatura como direito fundamental, pois não é assegurado aos pobres e negros a fruição de uma literatura e nem de serem representados nas escritas, sendo que, por vezes, essas representações buscam falar em nome desses grupos e alguns com visões estereotipados. Sabemos que essa violência epistêmica e a historiografia nos mostra, e assim Spivak (2010, p.85) descreve bem que “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar[...]”. E o sujeito subalterno feminino e negro, onde se encontra nesse estrato social?

A mulher negra e pobre se encontra de três maneiras exclusas do cenário social: pela cor, por ser mulher e por ser subalternizada, e assim a elas foram negadas a palavra. Esse silenciamento e apagamento da mulher negra vem acontecendo, segundo Souza, de um “processo histórico de opressão e exclusão da mulher por nossa sociedade patriarcal, pautada e normatizada pelo discurso masculino e branco, assim vimos as mulheres, especialmente as negras, ficarem relegadas ao silenciamento”. (SOUZA, 2006, p. 1).

Muito além de ter o direito de ler, a mulher negra subalterna deve ter o direito de escrever, nesse mesmo viés, Barossi, (2017) em “ (Po)éticas da escrevivência”, defende e amplia o que Antonio Candido afirma em seu texto “O Direito à Literatura”, sobre ter o direito a escrita. Sabe-se que a literatura é um espaço privilegiado, onde 93,9% dos autores e autoras são brancos e apenas 2,4% são não-brancos. E assim, Dalcastagné (2004) traça o perfil do escritor brasileiro, sendo ele: homem e branco, caracterizando o espaço onde as personagens femininas que representam 37,8% são domésticos e familiares. E apenas 7,9% das personagens são personagens negras, e o mais gritante que apenas quatro personagens são mulheres negras sendo 3 protagonistas e 1 narradora, sendo um total de 83 mulheres brancas protagonistas e 52 narradoras.

A história e a literatura mostram muito bem a exclusão que ocorre com as mulheres negras subalternizadas, sendo elas escritoras e /ou personagens. Mesmo que elas pudessem escrever, de nada valia, pois, eram marginalizadas perante a sociedade por serem mulheres e negras. Essas vozes historicamente silenciadas não se legitimavam na literatura e na arte.

Analisando o subalterno e como o processo capitalista contribui para a manutenção dos “silenciamentos históricos” e observando que o subalternizado sempre foi excluído da literatura e teve que se silenciar ao longo do tempo, sendo relegados pelo sistema, Spivak (2010) argumenta, destacando, que as camadas mais baixas da sociedade são excluídas do mercado, da representação política e da possibilidade de se tornarem membros dominantes da pirâmide social.

O sujeito subalternizado feminino encontra-se, de acordo com a autora, “ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p.67), da sociedade. O qual a historiografia do nosso país nos permite perceber o quanto o colonizador fez com êxito o processo de assimilação cultural, deixando o sujeito feminino negro alheio a sua história, até pouco tempo. E por muito tempo vários espaços foram negados as mulheres, principalmente as negras, um desses espaços foi “ a literatura, a cultura e as artes no geral”. (SOUSA, 2006, p.78).

Assim, concordamos com Spivak, quando ela diz do lugar incômodo do intelectual que quer falar pelo outro e construir um discurso de resistência. Nessa pesquisa, buscamos não representar as mulheres negras, mas dar a visibilidade, criar espaços para que falem por si, sendo ouvidas. Diante dessa conjuntura histórico-social, para Souza, “a escrita das mulheres, foi por muito tempo ignorada

e socialmente não aceita” (2006, p. 2), sendo marcadas pelo preconceito de raça e de gênero. Na contramão desses repetidos esforços do silenciamento da voz da mulher negra, as escritoras brasileiras vão rompendo esse cenário, impondo e ocupando, na escrita, o seu espaço.

Desse modo, junto com escritoras como Carolina Maria de Jesus, Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, entre outras, elas apresentam suas leituras de mundo com um caráter político, assumindo sua própria literatura, que vem resgatando a história do povo negro no Brasil, como também revertendo uma imagem estereotipada da mulher negra como sendo uma mulata sensual, animalesca, pronta para prestar serviços sexuais. Assim, a literatura de autoria negra passa do estado de ser representada para ser auto representada e a imagem dos negros e negras passam a ser reinventadas e ressignificadas por meio da produção literária feita por esses afrodescendentes, que de acordo com Sousa (2006, p. 79), esses negros e negras buscavam através da própria literatura sua “identidade e autoafirmação”.

Foi a partir da década de 1970, século XX, que a literatura negra teve sua expansão “com produções de homens e mulheres negras conscientes e comprometidas com as causas da negritude” Sousa (2006, p. 79). Essa *escrevivência*³ veio para quebrar e romper essa imagem depreciativa e negativa do negro e negra, logo Brookshaw (1983 apud SOUSA, 2006, p. 83) vem expondo que essas imagens “serviram, inclusive, como forma de aprisionamento do negro, criando uma espécie de desassimilação da sua cultura e legado, levando alguns escritores a rejeitarem o ideal de negritude” e as pessoas negras de não se reconhecerem como negras, já que, essa desassimilação cultural foi e é um processo arraigado durante séculos no Brasil, reforçado na escravidão e que vai perdurando nos dias atuais.

A esse processo de escrita de autoras e autores negros, se dá a nomeação do termo cunhado pela escritora negra, Conceição Evaristo, *escrevivência*. Através desse fazer literário as mulheres negras buscam “abrigar todas as lutas”, tornando a escrita como um direito para recontar e valorizar as histórias pelas visões e experiências das mulheres negras que vai muito além da estética. Já que muitas narrativas foram contadas com a visão do colonizador. Através da escrita elas possibilitam “novos olhares” e “novas maneiras de existir”, criando espaços para serem ouvidas. Como podemos observar no seguinte poema

Building the way

da escritora Conceição Evaristo:

Vozes-Mulheres

A voz de minha
bisavó ecoou
criança
nos porões do
navio. ecoou
lamentos
de uma infância perdida.

60

³ “Escrevivência” – a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo –, ela compõe romances, contos e poemas que revelam a condição do afrodescendente no Brasil.

A voz de minha
avó ecoou
obediência
aos brancos-donos de
tudo. A voz de minha
mãe ecoou baixinho
revolta
no fundo das cozinhas
alheias debaixo das
trouxas roupagens sujas
dos brancos pelo caminho
empoeirado rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos
perplexos com
rimas de sangue
e
fome

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas
vozes recolhe em si
as vozes mudas
caladas engasgadas
nas gargantas. A voz de
minha filha recolhe em
si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a
ressonância O eco da
vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008, p. 10-11).

No poema *Vozes Mulheres*, de Conceição Evaristo, observamos a história dos povos diaspóricos, destacando o papel da mulher negra e as mudanças de geração a geração, sendo que os silêncios impostos nunca foram uma verdade absoluta, pois as mesmas não se calaram mediante a opressão, exclusão e tentativas de silenciamento. Segundo a própria autora:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa

escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos (EVARISTO, 2005).

Ainda que na experiência da dor, a luta de cada voz-mulher-negra ecoa e recolhe revoltas e através dos versos elas expressam indignação, liberdade e lutas contra todo um sistema, fazendo-se ouvir sobre suas constantes lutas e trazendo a reflexão sobre o ato de “lutar, falar, escrever” (SOUZA, 2006, p.5), destacando o quanto esses processos de opressão e exclusão resultaram no apagamento das mulheres negras, tirando-as a liberdade. Porém, o ato da *escrevivência* busca romper o silêncio que foi imposto a elas e afirmando a força e a resistência que a voz-mulher-negra tem e instigando outras mulheres submetidas a esses repetitivos processos de exclusão e opressão que desde tempos remotos vem tentando anular socialmente, culturalmente e subjetivamente a mulher negra.

Assim, essa literatura afrocentrada vem para provocar a reflexão, deslocar o olhar, de acordo com Souza (2006, p. 3) “a partir de microrevoluções, através de sua fala, sim, através de suas ações [...] por meio da literatura, de suas poesias que se constituem instrumentos de questionamento contra um sistema excludente”.

Nesse sentido, concordo com Souza, pois a literatura afrocentrada gera uma reflexão, possibilitando a mulher negra voz e visibilidade, permitindo que outras narrativas descentradas do eu-hegemônico sejam narradas. Logo, permite reflexões e debates acerca da sociedade brasileira e o papel dos povos afro-brasileiros na constituição da nossa sociedade. Nessa mesma direção, Alves diz que:

Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade- mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 186, grifos da autora)

Por meio dos escritos de autoras da contemporaneidade, como já citadas anteriormente, ao mesmo tempo que elas apresentam questões raciais,

observamos também questões de gênero da identidade-mulher, pois estamos lidando com o universo literário negro feminino. Portanto, as autoras expressam, segundo Sousa, (2015, p. 80), o “seu próprio sujeito poético, com suas dores, lutas, anseios, história e memória”, pois agora elas podem escrever e apresentar o seu universo e com isso rompendo os estereótipos feito pelas literaturas tradicionais brasileiras e atribuindo o seu lugar na história. Como observamos no poema da escritora Cristiane Sobral:

Retina Negra

Sou preta fujona
Recuso diariamente o espelho
Que tenta me massacrar por dentro
Que tenta me iludir com mentiras brancas
Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona
Preparada para enfrentar o sistema Empino o black sem
problema Invado a cena

Sou preta fujona
Defendo um escurecimento necessário Tiro qualquer racista do
armário
Enfio o pé na porta E entro
(SOBRAL, 2014, p10)

Sendo assim, a escrita das mulheres negras consiste em trazer uma consciência de uma mulher “adormecida”, uma mulher apagada pela sociedade patriarcal, uma mulher que teve sua cultura desassimilada para um processo de oprimido-opressor e submissão levando esses sujeitos a se “rebelarem”, se conhecerem e reconhecerem e fazerem “um resgate da memória, história e identidade cultural de seus ancestrais” (SOUSA, 2006, p. 85). Podemos conferir no poema *Resgate*, de Alzira Rufino (1995):

Resgate

sou negra ponto final
devolvo-me a identidade
rasgo minha certidão
sou negra sem reticências
sem vírgulas sem ausências
sou negra balacobaco
sou negra noite cansaço
sou negra ponto.

Observamos no poema acima que a identidade da mulher negra é resgatada pelo todo, o eu-lírico não é parte de outro, mas inteira que encontrou sua identidade, não mais permeada por ausências.

Contudo, para que as vozes das mulheres negras ecoem e quebrem esse silenciamento é de extrema importância o trabalho da literatura negra nas salas de aula, para que a história e o sujeito negro sejam resgatados, quebrando esse processo de exclusão feito por nossa sociedade. Para que mais mulheres negras conheçam suas narrativas, para uma consciência individual e coletiva, para as mudanças em relação ao racismo, ao sexismo e ao elitismo e para o reconhecimento de sua identidade-mulher-negra, que ela seja resistência, lute e fortaleça outras mulheres negras para ocuparem os espaços que sempre foram impossibilitados para as mesmas.

Esse processo de (re)significação só ocorre mediante ao conhecimento da sua origem, do seu povo, do processo de apagamento da história que vem da escrita negra que é capaz de fazer esse papel e que as pessoas são capazes de se identificarem e reconhecerem ali, nas suas *escrevivências*. Com isso, partimos da pergunta “Porque as mulheres participantes do grupo tanto se identificam quando leem escritoras afrocentradas?” Em busca desse papel da literatura afrocentrada feminina e o quanto importante é ler escritoras negras para que (re)signifiquem as leitoras negras.

Os encontros de alma com a literatura afrocentrada

No segundo semestre de 2018 tivemos uma disciplina optativa intitulada: *A escrevivência literária: literatura como forma de sobrevivência*, cujos encontros aconteceram às quartas-feiras e teve por objetivo a apresentação de escritoras negras e suas escritas. Através dessas leituras ocorreram debates e reflexões sobre as temáticas presentes no texto, como: racismo, identidade étnica, objetificação da mulher.

A pesquisa aqui descrita nasce desses encontros, objetivando entender a escrita negra feminina como forma de uma (re)significação, representatividade, consciência e resistência para as mulheres negras.

No final da disciplina, foram pedidos que o coletivo de estudantes participantes escrevessem relatos de experiência, ou seja, o que a literatura como

uma forma de sobrevivência pode agregar e proporcionar a elas e eles. Apresentamos a análise dos relatos das participantes da disciplina, procurando entender o papel da literatura negra na vida dessas mulheres, problematizando a ligação dos relatos de experiência com a pergunta que a pesquisa parte: Porque as mulheres do grupo tanto se identificam quando leem escritoras afrocentradas?

Foram entregues um total de 14 relatos de experiências, dos quais: 11 se identificaram como mulheres, sendo elas brancas e negras; 2 relatos de homens e 1 pessoa que não se identificou. Todos os relatos foram lidos e analisados, mas somente serão expostos os fragmentos e as análises críticas das escritas femininas. Para que os nomes das participantes do projeto sejam preservados iremos utilizar como identificação nomes fictícios.

E aqui iremos transpor o quão é extremamente importante trabalhar com a literatura negra. Infelizmente, apesar de termos a Lei n. 1069/ 2003 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no “currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira”, os relatos mostravam que a grande maioria das participantes do grupo, somente tinham tido contato com a literatura afrocentrada quando iniciaram a faculdade ou o contato que tiveram com a *escrivência* foi muito pouco, e nem ao menos sido problematizado devidamente:

Durante todo o meu percurso escolar, até chegar à Licenciatura em Letras-Português, nunca tinha lido autores negros, mesmo tendo contato com Machado de Assis e Lima Barreto, porém, não os reconheci, naquele momento, como autores representativos da temática negra. (Dolores).

A Presidência da República, através do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, apresenta uma leitura de parte do documento, contendo uma apresentação e uma introdução, nesta, explica o porquê da lei e sua implementação e a preocupação de ter “cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial”, e sabendo dos “processos discriminatórios que operam o sistema de ensino e as diferentes facetas do preconceito, do racismo e da discriminação que marca, nem sempre silenciosamente, a sociedade brasileira”. Assim, a lei simboliza o reconhecimento de uma luta antirracista.

No entanto, os relatos nos dizem que é uma luta ainda em curso, pois,

se existe a lei, porque dos relatos apresentados, a maioria não teve acesso à literatura afrocentrada nas escolas? O interessante é que na introdução do documento apresenta diversas ações afirmativas feitas pelo MEC voltadas para a educação étnico-raciais. Uma delas, foi o Programa Afro, nos anos de 2005 e 2006, e tinha “como objetivo prestar assistência financeira para formar professores e material didático na temática”.

66

Outras ações, segundo o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, foram a produção de 1000 kits do material *A Cor da Cultura* (2005). E 18.750 kits em 2009, que foram distribuídos a todas secretarias Estaduais e Municipais de Educação no Brasil. Foram distribuídos 54.000 exemplares do livro *Orientações e Ações para a implementação da Educação das Relações Etnicorraciais* e 10.000 exemplares do *Superando o Racismo na Escola*. Desde então acontecem distribuição de livros, formações para professores. E o mais instigante é o porquê desses materiais frequentemente não chegam aos estudantes, como é o caso dos integrantes do grupo da disciplina. Mas, aqui, queremos focar no papel da literatura afrocentrada na vida das mulheres, e como essa ressignifica vidas, essa outra discussão ficará para um momento oportuno.

Podemos perceber em uma das escritas esse papel da *escrevivência*, no qual a participante encontra-se no texto da escritora Bell Hooks, *Alisando o Nosso Cabelo*. Além de se ver no texto, ela relata a parte que mais lhe era mais familiar no seguinte trecho: “Nas manhãs de sábado, nos reuníamos na cozinha para arrumar o cabelo, quer dizer, para alisar os nossos cabelos. Os cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito” (HOOKS, 2005 p.1)

Bell Hooks faz uma crítica em seu texto, uma análise e reflexão acerca do papel do dominador e colonizador, da supremacia branca, e o quanto ela ainda molda as mulheres negras desassimilando-as e fazendo com que a identidade-mulher-negra seja apagada, o quanto o sistema torna-se cruel para elas e assim escreve que:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma

baixa autoestima. (HOOKS, 2005, p.2)

A integrante da disciplina continua relatando o desconforto e os questionamentos que a leitura trouxe:

Depois da leitura deste texto e as discussões sobre o corpo da mulher negra, comecei a me repensar, na busca de uma identidade ainda adormecida, iniciando pela minha cor. Afinal, que cor eu tenho? (Dolores).

67

Nesse pequeno fragmento observamos o quanto “A voz poética do texto além de aludir às formas de opressão para com a mulher negra, ao mesmo tempo em que afirma a força, a presença e a resistência” (SOUZA, p.5. 2006), ela vem segundo Souza, instigar várias “mulheres negras que são submetidas aos mesmos processos de exclusão, a resistirem, a não se manterem passivas, diante da discriminação, formas de abuso culturais e sociais que tentam anular sua vez, sua voz, sua ação”.

Percebe-se que a aluna, através de textos como *Alisando o Nosso Cabelo*, de Bell Hooks, como citado pela integrante da disciplina, ela começa a fazer questionamentos iniciais sobre a sua cor, e por fim, ao cabelo. E foram muitos os relatos sobre a questão dos cabelos enrolados à crespos serem considerado “ruins”, isso, sabemos que é mais um processo de apagamento de identidade, exclusão de todo um sistema onde denominaram o cabelo afro e isso age conscientemente para manter as mulheres que possuem esse tipo de cabelo silenciadas e sem autonomia sobre seu próprio cabelo.

O cabelo afro e as questões relacionadas aos corpos de mulheres negras são temáticas recorrentes nessas literaturas afrocentradas. O processo de alisamento, tentativas de branquear nossas raízes, é relatado no conto *Pixaim*, apresentamos o excerto:

Minha mãe decidiu que o meu pixainho tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar “bom”, e da marca do pente quente que tatuou meu ombro esquerdo, por resistir àquela imposta transformação. Era domingo, íamos todos a uma festa, e eu tinha que ficar bonita como as outras. No caminho, caiu uma chuva, dessas de verão, e em poucos minutos, houve o milagre, pois a água anulou o efeito do pente. Eu chorava porque achava que o meu cabelo nunca voltaria ao normal, e minha mãe ficou brava porque eu estava parecendo comigo, de um jeito nunca antes visto (SOBRAL, 2011,

p. 22).

Sabemos que no Brasil há um enorme preconceito sobre cabelos e que a indústria cultural colaborou muito para essa violência e o enraizamento do preconceito, o que interfere muito na autoestima das mulheres. É notável que mesmo inconscientemente essa violência é um esforço repetitivo para manter as mulheres negras e subalternas em seus “devidos lugares”, segundo o estrato social. O poema intitulado *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* retrata essa quebra das amarras dessa mulher negra imponderada, cansada de negar suas origens por questões de padrões de beleza, descobre que o padrão de beleza é ela quem faz e o seu cabelo carrega toda uma história de luta e resistência:

68

Só por hoje
Vou deixar o meu cabelo em paz Durante 24 horas serei capaz
De tirar
Os óculos escuros modelo europeu que eu uso Enfrentar a
claridade
Só por hoje (SOBRAL, 2014, p.8)

Por fim, depois de ler poemas e contos negros sobre a temática cabelo, como *Pixaim elétrico* e *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, de Cristiane Sobral, *Alisando o Nosso Cabelo*, de Bell Hooks, a participante Dolores descreve o que a sociedade sofre, sobre a “ Ditadura dos cabelos”, relatando que:

Não é um processo fácil, mas é libertador e, ao perceber, em um dos textos da disciplina Escrivência Literária: Literatura Como Forma de Sobrevivência, que meu cabelo cabia na poesia [...] senti a força que essas narrativas negras podem exercer em nós, fazendo-nos, perceber a nossa beleza que, por força do grande racismo e preconceito, escondemos.

Outro relato pertinente sobre a “ditadura dos cabelos” nos faz pensar o quanto essa *escrevivência* permite que as mulheres negras tomem consciência dos processos que acentuam o racismo e a inferioridade do sujeito subalterno, especificamente das mulheres negras e que com essa resignificação começa a ter uma necessidade de se discutir toda uma história brutalmente apagada:

[...] observei que algumas alunas tinham largado a chapinha de lado. Isso, foi emocionante, pois por meio da literatura e das narrativas de Sobral tornou-se possível a aceitação de sua

identidade que fugia dos temidos padrões de beleza que é imposto pela sociedade. (Cida).

Bell Hooks em seu texto *Vivendo de Amor*, dialoga bem nesse sentido, a escritora diz que o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições difíceis e essa opressão impedem a capacidade dos negros de amar, no caso principalmente amar a si. Amar o seu cabelo, a cor da pele e cada detalhe que o faz ser como é.

69

Desse modo, trago mais um relato para mostrar o quanto a *escrivivência* se faz presente na vida dessas participantes, e ao ler o conto *Pixaim*, da escritora Cristiane Sobral, ela se viu representada e assim passa a ter consciência do negro e o quanto o racismo impacta nas relações quando o assunto são os cabelos afros:

Através do conto “Pixaim” por Cristiane Sobral, eu pude me olhar dentro de muitas coisas que estão escritas. Muitas de nós mulheres negras de cabelos crespos nos veremos aqui, no relato triste da violência que fizeram contra o nosso cabelo durante a infância. (Lourdes).

A integrante percebe claramente as questões históricas, sociais, culturais e políticas por traz do cabelo e a violência que a identidade negra sofre. Como pode ser observado em outro trecho do conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral. “Foi a partir do meu pixaim que percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida” (2011, p.24). Esse fragmento mostra o sentimento e a percepção da autora na sua identidade-mulher-negra, já começando pelo seu cabelo, o tanto que impuseram nomenclaturas como cabelo “ruim”, justamente para os cabelos crespos e cabelo “bom” para os lisos. A participante Lourdes se vê no conto e na violência, dita por ela, “durante a infância”, essa violência contra os fios de cabelo, contra a identidade negra, contra o sujeito criança.

Outro relato, agora sobre um conto que traz a dor de várias Natalinas, é o conto da escritora Conceição Evaristo, *Quantos filhos Natalina teve?*, apresentando como temática da mulher negra que enfrenta vários “percalços” e passam desde o cabelo, cor, relações amorosas, dores do antepassados carregadas, abusos, abortos e julgamentos pessoais e de o que se passa por

essas mulheres, como observado no excerto:

Guardou tudo só para ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobre grávida (EVARISTO, 2014, p.50).

70

No texto é retratado diferentes formas de violência, sendo ela física, quando Natalina é estuprada e quando ela se relaciona com o patrão para gerar o filho que a sua patroa não pode ter. E também a violência psicológica quando a mãe pressiona Natalina a abortar e a idealização da maternidade, pois a personagem tivera quatro filhos e somente decidiu ter um e quando teve um filho com seu namorado o recusou a criá-lo, ele não entendeu o porquê dela não querer ser mãe já que pela nossa sociedade patriarcal, essa seria a idealização de toda mulher, como era o caso de sua patroa que almejava em ser mãe, mas era infértil. Ao ser trabalhado o conto da personagem Natalina, a participante relata que:

Com esse conto, pude ainda transformar as dores carregadas por Natalina em um ensaio, no qual pude falar sobre a personagem de uma forma que me vi retratada nela. Além disso, a literatura de mulheres negras nos possibilita a identificação, a ressignificação de nós, pois podemos nos perceber nas narrativas retratadas por essas mulheres (Maria).

O interessante a ser observado no trecho da Maria, é como ela se reconhece no conto, se sente representada ao se encontrar com a literatura afrocentrada e ainda podendo perceber que não está sozinha como sujeito mulher. Sobretudo pelo fato dela ter transformado “Natalina” em um ensaio científico, no qual ela não reprimiu os sentimentos, não os mascarou e escondeu para ser considerada como forte tendo o direito à escrita, estando em consonância com o que diz Evaristo:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco[...]. Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer

ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (2005, p. 202).

Em *Vivendo de Amor no tópico Emoções reprimidas: A chave da Sobrevivência* (HOOKS, 1994, p.3), a autora apresenta uma prática bastante comum mesmo depois da escravidão, que é considerado por ela como uma estratégia de sobrevivência. Assim, os negros tiveram que bloquear as emoções e a habilidade de esconder os sentimentos era visto como algo positivo e que a pessoa tinha personalidade forte, isso tudo devido ao racismo e tudo o que a mulher-negra-subalternizada carrega.

A reflexão feita por Hooks destaca a questão dos sentimentos, que não é um sinal de fraqueza, pelo contrário, as mulheres negras ao transformar as emoções e não as negar se tornam mulheres mais fortes e que “A arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de os conhecer e afirmar” (HOOKS, 1994, p.8). E a literatura afrocentrada feminina está para servir como uma forma mediadora para as mulheres, para as mesmas se libertarem e utilizar a escrita como um meio de “suportar o mundo”, ou ainda, “tornar um meio de apaziguar um pouco da dor” (2005, p.2).

Ainda em *Vivendo de Amor*, a autora enfatiza com excelência as escritoras negras e leitoras que “escolhem praticar a arte e o ato de amar” e que as mulheres negras “devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não” (Hooks, 1994, p.10). O amor é algo extremamente necessário, pois em nossa sociedade patriarcal, racista, sexista, classicista e capitalista, o sujeito feminino e negro não recebe muito amor, pelo contrário, esse sujeito é dolorosamente silenciado, oprimido e excluído pelo sistema e pela sociedade.

Analisando essas escritas, percebe-se o quanto a literatura afrocentrada torna-se um ato de luta e resistência, no qual as mulheres excluídas, subalternizadas, por meio da escrita e leitura, transformam o contexto histórico de opressão e ressignificam o seu eu e o mundo, e continuam de acordo com Hooks, reconhecendo e encontrando formas de curar as suas dores e por isso elas tanto se identificam com a literatura afrocentrada. Além disso, Bell vai dizer o que realmente o mundo precisa para existir e tornar um lugar onde não á lugar para o racismo e todas as formas de dominação e quando ela, e nesse caso, qualquer

Building the way

indivíduo se dedicar pela luta contra a opressão, estamos transformando o mundo no lugar onde gostaríamos de viver. Em consonância com a ideia da autora, temos o relato da Silvia:

Posso afirmar que não sou mais a mesma pessoa após essa experiência, pois algo que aprendi foi que nós mulheres temos nossas histórias de luta, dores luto, mas estamos aqui para contar que sobrevivemos. (Silvia).

72

Como esse relato, ao analisar, encontrei vários outros com o mesmo sentido, no quais as alunas falavam da gratificante e até mesmo dolorosa experiência de ter contato com contos, poemas e livros de autoria feminina negra. Nunca a identidade-mulher-negra havia sido auto representada e rompido com esse sistema patriarcal, branco e homogêneo. Graças as mulheres negras que soltaram as amarras e cansadas dessa obscuridade e exclusão, querendo um destaque nesse país, nasceu a *escrevivência* e uma luta política. Apoiadas umas nas outras, essas mulheres furacões ocupam os espaços que sempre deveriam ser delas.

Por fim, gostaríamos de encerrar com um depoimento da Maria que torna gratificante o desenvolvimento dessa pesquisa, ao perceber a importância de abrir ainda mais espaço para a literatura afrocentrada feminina e os seus desdobramentos.

Assim, com a disciplina *A Escrevivência Literária*, e as experiências propiciadas por ela, foi possível um encontro de alma, narrativas, histórias, significações que só quem sente, se emociona, lê essas mulheres é capaz de enxergar a sua dor, sua luta e sua vitória. Portanto, temos a necessidade de conhecer essas mulheres para os fortalecer e conhecer a nossa própria história. (Maria.)

Portanto, pode-se concluir que a mulher negra parte de um lugar sem voz, sem identidade e começa a partir do contato da *escrevivência* a questionar, indignar e ressignificar sua própria existência. A partir da temática feminina negra, observamos outras vivências, outras escritas, e dizeres. E, assim Miriam Alves descreve que:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir

de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (ALVES, 2010, p.6).

Palavras finas de uma travessia em curso

73

Pode-se perceber que apesar dos esforços para mostrar que o Brasil é um país multicultural e o continente africano está enraizado aqui, mesmo por parte do MEC, através da Lei n.10.639/03 que se torna obrigatório o estudo da história e cultura afro- brasileira, vemos que a conjuntura histórica que foi construída e enraizada com uma visão europeia, com ideal branco e masculino. Dessa forma, as mulheres, principalmente as negras, as quais não possuíam voz, ações e identidade, rompem com esse apagamento cultural e começam a se auto representar na literatura. Cansadas de estereótipos, sendo negras e pobres foram atrás dos seus direitos fundamentais. Hoje, essas guerreiras, que lutam incessantemente, todos os dias e resistem através da *escrevivência*, mostrando que conhecem seu passado e reivindicam no presente, através da sua voz-negra, o descontentamento e que não vão se calar. Com o seu discurso feminista, Truth, no século XIX já apresentava uma questão fundamental na luta das feministas negras:

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer. (RIBEIRO, 2017, p.13)

Portanto, percebe-se que o subalterno pode falar, apesar dos espaços ainda serem dos brancos, héteros e cis, por sermos um país patriarcal, sexista e racista, as mulheres que têm se dedicado à literatura afrocentrada cresce constantemente e tendo destaques nas editoras, nas mídias, no meio acadêmico o que influencia outras mulheres a se aceitarem fisicamente, a conversarem sobre o corpo, sentimentos. Sendo assim, abrem espaços para questionarem o seu papel na sociedade, pois sabemos que cada mulher negra tem uma vivência, uma experiência, possuindo histórias que podem servir para erguer outras nossas. Problematicando e atacando o racismo que desencadeia tantos problemas sociais

v. 10, n. 2, *Literatura feminina* ISSN 2237-2075

como o genocídio, a depressão, afetando a autoestima, e a negação de pertencimento étnico-racial e da sua origem.

Assim, como afirma a escritora Conceição Evaristo: “o povo tem direito a escrita e a literatura, escrevendo na norma culta ou não”. E com essa pesquisa percebemos que esse direito não pode ser negado e sim levado para cada uma das mulheres negras. Logo, a literatura afrocentrada pode cumprir o seu papel ressignificador e pode também redefinir o pensamento, a forma da mulher pensar sobre o seu lugar, as construções sócio históricas, questionando e ocupando o seu espaço e redescobrimo após a desassimilação de identidade-mulher-negra, que a dor deve ser curada através da escrita e não negando o seu passado e o sofrimento. E que através de outras *escrevivências*, todas essas mulheres serão nutridas de um amor próprio, de crescimento espiritual e de sororidade de umas com as dores das outras. Desse modo, sendo capaz de reverter a ausência e a invisibilidade de negras subalternizadas nos romances e como autoras femininas, como também ocupando espaços institucionais.

A literatura afrocentrada apresenta experiências vividas pelas mulheres negras, que através dos relatos analisados na disciplina *A escrevivência literária: literatura como forma de sobrevivência*, vemos o quanto são importantes as leituras e o processo que causam, o despertar, o questionamento, e todo um processo de identidade, o auto descobrir, o ato da liberdade de ser.

Por que eu escrevo?
Porque tenho que
em todas as suas dialéticas
foi silenciada por muito tempo Jacob Sam-La Rose (RIBEIRO,
2017, p.31)

Indagação que procura instaurar os questionamentos que fizemos ao analisar a literatura das autoras selecionadas, corroborando com o que aponta Evaristo:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida [...]. Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares

ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

Assim, a voz da subalternidade, o lugar de fala e o poder de escrever e inscrever no curso da história, compreendendo as tramas de poderes, valorizando nossos saberes ancestrais, tomando posse de nossos corpos e apoderando das penas, buscamos assim os diálogos possíveis com vida e arte.

Referências

- ALVES, Miriam. *A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência*. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/280/261>>. Acesso em 17 set. 2019.
- BAROSSO, Luana. (PO)ética da escrevivência. IN: *estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.51, p.22-40, maio/ago 2017.
- CANDIDO, A. O Direito à literatura. In: __. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1988.
- CAZES, Leonardo. *Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’*. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia>- Acesso em: 17 set. 2019.
- DALCASTAGNÈ, R. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo*: 1990. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>>. Acesso em: 17 set. 2019.
- EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: _____. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.
- _____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nadyala, 2008.
- _____. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- HOOKS, B. *Vivendo de Amor*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/356648583/Vivendo-de-Amor-bell-hooks-pdf>>. Acesso em: 17 de set. 2019.
- Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: Secad/Seppir, 2009, p. 09 - 24.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SOBRAL, C. *Não vou mais lavar os pratos*. 2.ed. Coleção Oi Poema. Dulcina Editora: Brasília, 2011.

_____. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

_____. *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção*. Brasília: Editora Dulcinda, 2011.

SOUSA, Douglas Rodrigues de. A mulher negra no contexto da literatura afrobrasileira: a escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino. *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*. v.3, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3279/2147>>. Acesso em: 01 set. 2019.

SOUZA, R. A. Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos. In: *Objetos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. "Poesia feminina subalterna negra: uma voz de resistência". *Nau Literária: Crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre: PPG- LET-UFRGS, vol. 09, n. 01, jan/jun 2013, p. 1-13. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43393>>. Acesso em 19 set. 2019